



UTOPIA, literatura e ensino

Maria Antonieta Pereira¹

É entre os letrados que se escolhem os embaixadores, os padres, os traníboras e o príncipe, chamado antigamente *barzame* e hoje *ádemo*.

Thomas Morus

Em 1997, coloquei essa epígrafe na minha tese de doutorado que analisava o romance *A cidade ausente*, do argentino Ricardo Piglia. Naquele momento, eu analisava como o romance de Piglia trabalha com a idéia de uma cidade utópica, que é/não é Buenos Aires, a qual congrega o passado, o presente e o futuro na medida em que:

a) reúne literaturas de várias procedências (*Ulisses*, de James Joyce; *Museo de la novela de la Eterna*, de Macedonio Fernandez; o “Aleph”, de Jorge Luis Borges) e assim reativa uma memória cultural de alto poder ficcional;

b) interfere no tempo presente por meio de um narrador que, abrindo espaço para outras vozes narrativas, atua como um contador de histórias (um *griot*, um pajé), que narra para nós (personagens do presente marcados por várias narrativas do passado), as questões da vida contemporânea (perda da memória cultural, revolução tecnológica em curso, diversidade cultural) que não conseguimos entender sem o concurso da literatura;

c) inventa o leitor/escritor do futuro que, sendo uma mistura de homem e máquina, revela-se como um *cyborg*, um replicante que vê o mundo com a sensibilidade de máquinas humanizadas que aspiram à condição de humanos.

A palavra *utopia* vem do grego *ou* (não) + *tópos* (lugar) e significa, portanto, um não-lugar, um lugar que não existe. Em nossa memória de leitores oci-

¹ Maria Antonieta Pereira é professora da UFMG.

dentais, essa palavra está muito marcada pela obra homônima de Thomas Morus que descreve um país ideal onde tudo estaria organizado da melhor forma possível para a felicidade completa de sua população. Além de Morus, outros utopistas idealizaram espaços dessa natureza. Um deles, Francis Bacon, que era político, filósofo e ensaísta, investiu tanto nessa perspectiva que acabou fundando a ciência moderna, já que conseguiu articular empirismo e metodologia científica. Outro importante utopista foi Tommaso Campanella que, na qualidade de filósofo renascentista italiano, poeta e teólogo dominicano, escreveu seu projeto de sociedade ideal em *A cidade do sol*. Em sua perfeição, esse agrupamento humano funcionava como uma avançada democracia lingüística já que “os alfabetos das diversas nações [apareciam], igualmente, ao lado do alfabeto da Cidade do Sol.” Esse incessante processo tradutório transformava a cidade imaginada por Campanella numa espécie de anti-Babel que permitia o compartilhamento do significado das palavras e das coisas.

A palavra utopia pode remeter também ao ato de projeção de um futuro ideal e, ao mesmo tempo, pode significar quimera, fantasia, concepção irrealizável. Além disso, a utopia pode assumir várias formas, que incluem desde a idéia de fantasmagoria (que pode ser um cenário fantástico de figuras e luzes ou mesmo o processo de evocação de visões) até a experiência do sonho, seja ele uma fantasia noturna inconsciente ou a dinâmica da criação literária que pode ser diurna e precisar de olhos abertos. Aplicada à história, a utopia pode ser entendida como ucronia: reconstrução da história segundo um rumo que ela poderia ter tomado ou aquilo que não se situa em nenhum tempo, que nunca se realizou. Utopia também nomeia o mito, compreendido como narrativa fabulosa transmitida pela tradição e referente a deuses que encarnam simbolicamente as forças da natureza e certos aspectos da condição humana (narração de tempos fabulosos ou heróicos). Representada, muitas vezes, pela quimera (monstro fabuloso com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão), a utopia pode assumir a conotação negativa de uma fantasia totalmente absurda. No que se refere aos gêneros literários, a utopia remete ao processo de fabulação típico de romances, novelas e mesmo de narrações históricas em versos. E finalmente, a utopia também pode ser pensada como uma teoria, no sentido de significar especulação, ação de olhar algo, hipótese, suposição, conjecturas.

Ensinar a utopia

Na minha tese de doutorado, também trabalhei com a idéia de hipertexto, cuja noção básica muito se aproxima do conceito de utopia enquanto uma anti-Babel contemporânea. Noutras palavras, enquanto na Babel tradicional há não

só diferenças mas também uma divergência radical entre as línguas – já que as traduções são impossíveis – numa perspectiva hipertextual, as diferenças não criam pares fortemente excludentes e, por isso, estabelecem outras possibilidades de atritos e negociações do sentido porque redes de redes semânticas vão se desconstruindo e reconstruindo mutuamente.

A partir da ferramenta lingüística do hipertexto – que muito me auxiliou na análise das intrincadas redes narrativas de Ricardo Piglia – comecei a perceber a validade das teorias de rede seja como recurso analítico, seja como princípio organizador de práticas concretas. Naquele momento, eu orientava um grupo de alunos numa pesquisa de Iniciação Científica intitulada “A tela e o texto: literatura e trocas culturais no Cone Sul”. Essas discussões levaram a tantas atividades de ensino e extensão na Região Metropolitana de Belo Horizonte que, aos poucos, congregamos outros estudantes da FALE, professores de redes públicas e privadas, líderes comunitários, bibliotecários, artistas, produtores culturais etc. Assim nasceu o Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão *A tela e o texto* que, desde 1998, tem despendido um considerável esforço para desenvolver projetos de *reflexão* (pesquisa teórica e bibliográfica) e planos de *ação* concreta na sociedade (atividades de ensino/extensão e pesquisa aplicada). Todo esse trabalho foi se concentrando, ao longo dos anos, num *saber-fazer* que sempre buscou a ampliação dos níveis de leitura da população culturalmente excluída. Por isso, o Programa desenvolveu várias propostas pedagógicas que realizam uma leitura inter-relacional de telas e textos, tentando acionar a grande rede sociocultural do Brasil que sempre articula o texto impresso às telas do cinema, da televisão, do computador e do celular.

Evidentemente, as ações do Programa partem da realidade dos enormes contingentes de brasileiros excluídos da leitura de textos escritos em Língua Portuguesa e dos baixos níveis de desempenho lingüístico daqueles que são considerados alfabetizados e, muitas vezes, letrados. Felizmente, começam a tomar corpo certas políticas públicas de leitura que prometem alterar o cenário da formação de leitores no país. Nesse contexto, destacam-se as metas do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) para 2008, as quais prevêm, dentre outros tópicos:

- aumentar o índice nacional de leitura em 50% (de 1,8 para 2,7 livros por habitante/ano);
- elevar o índice de empréstimos de livros em bibliotecas (sobre o total de livros lidos no país) de 8% para 14%;
- aumentar em 10% o índice per capita de livros não-didáticos adquiridos (de 0,66% per capita para 0,72% por ano);

- elevar em 10% o número de livrarias (de 1.500 para 1.650).

Essa estatística mostra como os educadores ainda têm pela frente uma longa trajetória a ser percorrida, no sentido de colaborar para ampliar os níveis de letramento do Brasil. Por outro lado, o país apresenta uma forte cultura audiovisual, com destaque para o consumo de programas de TV e um crescente uso de computadores e celulares. A própria Literatura Brasileira — que sempre circulou amplamente no interior da elite letrada — tem sido veiculada para a grande massa por meio de recursos do cinema, da televisão e da própria Música Popular Brasileira.

Como exemplo de filmes, seriados e minisséries que divulgam a Literatura Brasileira, poderíamos citar *O tempo e o vento*, *Sítio do pica-pau amarelo*, *Mad Maria*, *O auto da compadecida*, *Agosto*, *O sorriso do lagarto*, *A grande arte*, *Memórias póstumas*, *A chuva nos telhados antigos*, *Françoise*, *O bloqueio*, *Rua da amargura* etc. etc. As obras de Luiz Vilela, Murilo Rubião, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, para citar apenas alguns de nossos grandes escritores, estão sendo focadas constantemente pelas câmeras brasileiras. Nossa novela de televisão tem como estrutura básica o romance-folhetim do século XIX. Poetas consagrados, como Augusto de Campos e Arnaldo Antunes, produzem videopoemas para serem lidos nas telas da TV ou do computador. Compositores de letras de música, como Caetano Veloso, Chico Buarque e Vinicius de Moraes, favorecem a elevação do nível cultural dos brasileiros quando lhes oferecem poemas musicados de rara qualidade artística que circulam pelos mais populares programas de rádio e também pelas produções televisivas e cinematográficas.

Nesse cenário, o Programa *A tela e o texto* busca ampliar e aprofundar os níveis de leitura de educadores e educandos, explorando as possibilidades de alguns elementos típicos de nosso tempo, a saber:

- a revolução mundial da informática;
- a forte cultura televisiva do Brasil;
- a tradição cinematográfica da população de Belo Horizonte;
- as experiências contemporâneas de jovens *videomakers* mineiros;
- as propostas educacionais transdisciplinares.

Na tentativa de contribuir para melhorar os níveis de leitura do Brasil contemporâneo, o Programa busca desenvolver pesquisas que abordem:

1. as relações entre telas e textos, construindo uma rede conceitual que examine os recursos motores, lingüísticos, neurológicos e culturais empregados na leitura de letras e imagens;

2. as competências e habilidades exigidas para a leitura das telas (cinema, TV, computador) e dos textos (literatura, ciência, tecnologia, mídia);
3. os pontos de confluência e divergência entre tais competências e habilidades, tendo como hipótese a possibilidade de sua transferência de um campo a outro (do texto à tela e vice-versa);
4. a formação de leitores críticos de telas e textos em vários níveis (leitura formal e informal; leitura escolar, profissional ou de entretenimento; leitura de ficção e não-ficção), numa perspectiva transdisciplinar.

Para atingir suas metas, o Programa organiza-se em setores, que atuam como nódulos de sua rede interna e como sensores que captam as demandas das grandes redes sociais externas e, ao mesmo tempo, provocam interfaces entre telas e textos. Atualmente, o Programa conta com 11 projetos de formação de leitores e educadores, a saber:

1. LEITURA PARA TODOS – divulgação da Literatura Brasileira nos ônibus e no metrô de Belo Horizonte, por meio de lâminas afixadas nas cadeiras;
2. MOSTRAS E ESTUDOS AUDIOVISUAIS – exibição da produção audiovisual mineira, amazônica e latino-americana (documentário, ficção, animação, experimental e videopoema) tendo já realizado 9 Mostras e várias re-edições, em espaços culturais do centro e das periferias de Belo Horizonte;
3. BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS – fundação e/ou assessoria de bibliotecas comunitárias na Região Metropolitana, incluindo cursos de capacitação de bibliotecários, auxiliares de bibliotecas, professores e agentes culturais;
4. LETRAMENTO LITERÁRIO INFANTO-JUVENIL – participação no projeto Escola Integrada da Prefeitura de Belo Horizonte, que atende a crianças em situação de risco (convênio PROEX/UFMG);
5. LINHA EDITORIAL – difusão da Literatura Brasileira, por meio de textos breves do passado e do presente, com a edição de livros de bolso a baixo custo (vendidos a R\$1,99), para atender à população da periferia de Belo Horizonte. O projeto também edita livros no formato padrão com resultados de pesquisas que atendem aos educadores;
6. FÓRUM DE ENSINO DE LEITURA – evento quinzenal realizado na Faculdade de Letras, que debate pesquisas e temas relativos à formação de leitores;
7. REVISTA *txt* – revista eletrônica, editada semestralmente desde 2005, auxiliada por conselho editorial internacional, que divulga leituras e pesquisas transdisciplinares de telas e textos;

8. CAPACITAÇÃO DE EDUCADORES – projeto permanente de capacitação de profissionais da educação (professores, líderes comunitários, agentes culturais, bibliotecários etc.) por meio de cursos, palestras e eventos pedagógicos, atualmente, trabalhando na assessoria das Secretarias de Educação de Belo Horizonte e Timóteo;

9. ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL – realização de projetos que atendem a jovens e adultos com alto nível de exclusão social, propiciando-lhes alfabetização, letramento e noções básicas de computação;

10. PROJETO VERDE – promoção de ações internas e externas ao Programa, no sentido de construção de uma ética do gênero humano que envolva o respeito e o cuidado para com todas as formas de vida na Terra, favorecendo as práticas vegetarianas e veganas, o protagonismo individual, a participação comunitária e o pertencimento à espécie humana;

11. NOVAS HISTÓRIAS – preparação de educadores sociais que sejam capazes de atender às populações acolhidas em abrigos de Belo Horizonte, no sentido de elevar seu nível de letramento e sua competência profissional.

Atuando em parceria com vários órgãos públicos e privados da Região Metropolitana de Belo Horizonte, o Programa já teve muitos de seus projetos contemplados por leis de incentivo à cultura. Além disso, seu projeto *Leitura para todos* recebeu em 2007 o maior prêmio nacional de fomento à leitura, o VIVALEITURA, patrocinado por MEC, MINC, OEI e Fundação Santillana. Disposto a colaborar para elevar os níveis de leitura do país, o Programa *A tela e o texto* interage fortemente com instâncias de ensino formais e informais, circulando entre universidade, sociedade e comunidades locais, aprendendo e ensinando. Desses encontros e dessas trocas, sempre nascem novas redes de sentido e novas opções pedagógicas.

Retomando o início de nosso diálogo neste texto, poderíamos pensar em como a fabricação cotidiana da utopia – esse não-lugar que nos desterritorializa de nós mesmos e nos remete para o outro – é capaz de estimular a inteligência coletiva que, por sua vez, pode ruminar idéias, construir opções e nos permitir a experimentação de outras propostas de texto e de vida. Presididos pela literatura, essa quimera que vem alimentando a humanidade ao longo dos séculos, nós, os educadores, vamos construindo novos espaços de sonho e desejo, porque estamos inconformados com o mundo. Porque podemos sonhar de olhos abertos e, de fantasia em fantasia, ir modificando as formas de viver. Porque sabemos que, nas cidades do sol que imaginamos, também somos apenas outras formas do sonhar.


